

## O TERMO ESTRATÉGIA: UM CONCEITO ÚTIL PARA A LINGÜÍSTICA APLICADA?<sup>1</sup>

John Robert SCHMITZ<sup>2</sup>

- RESUMO: O termo estratégia é usado em certos casos na literatura especializada de lingüística aplicada sem muita precisão, pois, para alguns pesquisadores, ele é uma técnica; para outros, é método, de ensino e, para outros ainda, refere-se aos hábitos de estudo ou estilo cognitivo dos aprendizes. Outro problema é a plethora de estratégias propostas sem rigor na demarcação de diferenças: estratégias de comunicação (*communication strategies*), estratégias de aprendizagem (*learning strategies*), estratégias de aquisição (*acquisition strategies*) e estratégias de ensino (*teaching strategies*). Apesar desses problemas, as pesquisas na área de estratégias são promissoras, já que o treinamento explícito em sua utilização ensina os aprendizes a: (i) saber usar novas estratégias, (ii) avaliar a eficiência de diferentes tipos; e (iii) decidir quando é procedente transferir uma determinada estratégia para uma nova situação.
- PALAVRAS-CHAVE: Estratégia; técnica; estilo cognitivo; hábitos de estudo; processo; estratégia analítica; estratégia gestáltica.

O termo *estratégia* é muito usado nas áreas de lingüística geral e lingüística aplicada. Em outras áreas do saber, tais como psicologia, economia, política, administração pública e de empresas, este conceito é também comum. O meu propósito neste trabalho é avaliar a utilidade do termo especificamente para o campo de lingüística aplicada (doravante LA).

As *estratégias* são processos cognitivos de longa duração ao passo que as *táticas* são de curta duração. As primeiras incluem a testagem de hipóteses, simplificação da linguagem e supergeneralização, enquanto as segundas abrangem a utilização de regras, uso de técnicas mnemônicas e memorização. Os dois termos exemplificam as metáforas escondidas na linguagem, pois as referidas palavras se originam do grego;

---

1. Este trabalho é uma versão ampliada de uma comunicação lida mas não publicada no XL SEMINÁRIO DO GEL, Jaú, SP, 4-6 de junho de 1992.

2. Departamento de Lingüística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP - 13081-970 - Campinas - SP.

*strategia*, o escritório no quartel onde o general (*strategos*) elabora a *taktika*, ou seja, os planos para o combate.

Na bibliografia especializada no campo de ensino de línguas estrangeiras, observa-se um problema, pois o termo estratégia é usado às vezes como sinônimo de técnica (*technike*). Para Omaggio (1986), os exercícios estruturais padronizados (*pattern drills*) e exercícios de pergunta – resposta são considerados ora como técnica ora como estratégia. Reiss (1981) também usa os dois termos sem distinção, para se referirem a duas atividades usadas por parte de bons alunos que querem aprender, isto é, (i) que se dão a si mesmos pequenas provas e (ii) que falam com falantes nativos ou amigos fluentes na língua estrangeira.

Ainda quanto ao termo *estratégia*, nem sempre é claro se se trata de hábitos de estudo (*study skills*) ou de estilo cognitivo (*cognitive style*), ou mesmo de estilo de aprendizagem (*learning style*). Em certos casos estes termos são usados como sinônimos e nem sempre se têm definições destes conceitos. Reid (1987) evita o termo estratégia, preferindo estilos de aprendizagem (*learning styles*) e estilos cognitivos (*cognitive styles*), e lança mão de uma definição proposta por Keefe (1979):

*Cognitive, affective, and physiological traits that are relatively stable indicators of how learners perceive, interact with, and respond to the learning environment.*

Para complicar ainda mais este quadro, alguns autores, em particular Bialystok (1985), argumentam que as estratégias de aprendizagem (*learning strategies*) e as de ensino (*teaching strategies*) devem ser examinadas em conjunto. Esta autora argumenta que os dois tipos são compatíveis. O que me inquieta na colocação de Bialystok (op. cit., p. 259) é o fato de ela tornar equivalentes abordagens (*approaches*), ou métodos de ensino (apud Paivio, 1983), em estratégias de ensino (*teaching strategies*). Para Paivio (1983), os métodos de ensino, tais como TPR (*Total Physical Response*) e o Método Silencioso de Categno (*Silent Way*) são estratégias de ensino. A dificuldade com relação a esta posição é o fato de que qualquer coisa pode ser considerada uma estratégia. Bialystok também discorda de Faerch & Kasper (1983), que afirmam que as estratégias são conscientes, ao passo que os processos não o são. De acordo com Bialystok, a condição de estar consciente das estratégias não é relevante, pois aprendizes, adultos e crianças usam-nas inconscientemente. A autora afirma, ainda, que as estratégias de aprendizagem podem ser divididas em dois tipos: primeiro, as baseadas numa busca de conhecimentos (*knowledge-based strategies*), e, segundo, as que são baseadas no processo de controle da própria língua estrangeira (*content-based strategies*). Um exemplo do primeiro tipo, segundo a autora, são os exercícios gramaticais e memorização de vocabulário, ao passo que o segundo abrange "certas formas de prática", definição que, a meu ver, é bastante vaga.

Faerch & Kasper (op. cit.) fazem uma distinção entre estratégias e procedimentos (*procedures*). Seguindo diretrizes da psicologia cognitiva, estes autores usam o termo *procedimentos* para se referirem, em termos gerais, a tudo que o aprendiz faz para

alcançar um objetivo. Para estes autores, o termo *estratégias* refere-se a um subconjunto de procedimentos utilizados para resolver problemas.

Tenho a impressão de que, via de regra, a literatura psicolinguística mostra mais rigor na identificação de estratégias do que a literatura especializada de LA. Um exemplo do primeiro campo é a excelente pesquisa de Peters (1977) a respeito do uso de estratégias por parte de crianças na aquisição da língua materna. Esta autora se refere a dois tipos de estratégias, a analítica e a gestáltica, usados por crianças na aquisição da língua nativa. A analítica procede das partes ao total, ao passo que a gestáltica procede do total até as partes. Peters observa que a estratégia gestáltica de produção da fala é usada por parte das crianças muito mais do que os pesquisadores têm alegado. A autora conclui que esta última estratégia merece mais estudo e que não se deve estudar exclusivamente a analítica. O uso do referido termo no campo de LA tende a ser camaleônico, pois é usado para uma variedade de coisas: por um lado, refere-se aos estilos cognitivos inconscientes de indivíduos e, por outro lado, a meras técnicas ou *teaching techniques*.

Cumpre observar que a literatura linguística e psicolinguística também não está completamente livre de problemas no que diz respeito à noção de *estratégia*. Miller et al. (1960, p. 17) afirmam que os animais inferiores nascem com as estratégias implantadas (*wired in*), enquanto o homem as implanta. Se elas são inerentes ou inconscientes, como argumenta Bialystock (op. cit.), como é possível, pergunto eu, implantá-las? Por outro lado, se elas são conscientes, acredito que exista a possibilidade de, pelo menos, modificá-las.

Na área de linguística geral (Givón, 1979), *estratégia* se refere a operações linguísticas como “relativização” e “permuta de palavras” (*relativization and word order strategies*). Haverkate (1983) considera quatro fenômenos linguísticos como estratégia fonética, ilocucional, referencial e predicativa. Segundo Haverkate (op. cit., p. 640), deve-se fazer uma distinção entre estratégias realizadas como forma de comportamento rotineiro e as que exigem um planejamento cuidadoso por parte do falante. Haverkate conclui que as línguas do mundo se caracterizam não só pela variedade de estruturas sintáticas diferentes, mas também pelas diferentes categorias de estratégias linguísticas utilizadas. A hipótese postulada por este autor é que as línguas podem ser diferenciadas quanto às oportunidades que elas oferecem de utilizarem determinadas estratégias.

Uma dificuldade na colocação de Haverkate é o fato de ele utilizar três termos diferentes de forma equivalente, isto é, “ato”, “nível” e “estratégia”. Para este autor, as estratégias encontram-se dentro da língua de cada falante, isto é, dentro do próprio idioma. Daí ocorre que os falantes de uma determinada língua desenvolvem estratégias específicas se o idioma destes falantes acusar determinadas estruturas gramaticais. Exemplificando, um falante de espanhol em comparação com um de holandês tem a seu dispor uma série de sufixos aumentativos e diminutivos que servem, segundo Haverkate, para o desenvolvimento de estratégias que refletem uma empatia ou falta de empatia que o falante pode sentir para com pessoas e objetos. De acordo

com o referido autor, os falantes de holandês, cuja língua carece do sistema de diminutivos e aumentativos característico do espanhol (*casarón* e *casita*), têm o seu estoque de estratégias limitado em comparação com os falantes de espanhol.

Um problema desta colocação é que dá a impressão de que o falante de uma língua que não possui aumentativos e diminutivos é mais pobre do ponto de vista de estratégias. A meu ver, um falante cuja língua não possui sufixos de intensidade teria outras maneiras de resolver o problema, recorrendo a outra estratégia, como adverbialização e adjetivação, para poder expressar as suas intenções. Na língua húngara não existe a forma passiva do tipo perifrástico em português, a saber: *A casa foi vendida pelo homem, o soldado foi ferido, o tesouro foi encontrado pelas crianças*. Esta falta, a meu ver, não empobrece os falantes do ponto de vista de “estratégias linguísticas”, uma vez que eles têm a seu dispor outros recursos, tais como topicalização, ou outros fenômenos linguísticos. A língua inglesa é muito rica em formas passivas, pois há as passivas “peculiares”, tais como *This bed was slept in by Washington* – este fato porém, não privilegia os falantes de inglês do ponto de vista de estruturas cognitivas.

Voltando à literatura especializada sobre o assunto deste trabalho, observa-se que Ehrman & Oxford (1988) afirmam que o uso consciente de estratégias de aprendizagem caracteriza o bom aprendiz. Faerch & Kasper (op. cit.), porém, argumentam que as estratégias de comunicação são *planos* potencialmente conscientes (ênfase dos autores). Dubin & Olshtain (1986) afirmam que os aprendizes talvez não tenham controle das estratégias, que são, segundo elas, *inatas*. Todavia, estas especialistas argumentam que os aprendizes podem ser conscientizados de suas táticas, pois estas são conscientes.

Do acima exposto depreende-se que a literatura especializada deixa o leitor perplexo, pois, ao final das contas, as estratégias são conscientes ou não? Elas são técnicas, procedimentos ou táticas? Existe uma compatibilidade entre as de ensino (*teaching strategies*) e as de aprendizagem (*learning strategies*)? Temos condições de arrolar todas as possíveis estratégias de ensino que possam existir e relacioná-las com as de aprendizagem?

Bever (1970) arrola um conjunto de estratégias utilizadas por crianças na aquisição da língua materna; as de aquisição (*acquisition strategies*) parecem ser inconscientes, ao passo que as de aprendizagem tendem a ser conscientes, por tratar-se do acréscimo de uma segunda língua.

Outro fato complicador referente a qualquer discussão sobre estratégias é o grande número delas proposto. Cada autor identifica diferentes tipos, e o leitor tem a impressão de que há uma concorrência entre eles, especialmente na área de ensino de línguas, por proporem cada vez mais diferentes tipos de estratégias. A seguir, tem-se uma amostra dos diversos tipos encontrados na literatura especializada:

*Active strategy, acquisitional strategy, assimilation strategies, behavioral strategy, cognitive strategy, communicative strategies, coping strategies, emphatic strategy, experimental strategy, formal strategy, internalization strategy, instructional strategy, invention strategy, learning strategy,*

*metacognitive strategy, monitoring strategy, parsing strategy, perceptual strategy, planning strategy, practice strategy, problem-solving strategy, semantic strategy, survival strategy, transfer strategy etc.*

Prefiro deixar os diferentes tipos sem tradução para o português, pois acho importante antes verificar se toda esta proliferação de terminologia é realmente necessária. Em certos casos, um tipo é sinônimo do outro; em muitos casos, acredito que os diferentes termos propostos tendem a ser vagos, tais como *active strategy*, *emphatic strategy* ou *semantic strategy*.

Stevick (1990) sugere maior precisão no uso do referido termo, para assim evitar o que Baker & Derwing consideram um “desastre terminológico” (apud Stevick, op. cit., p. 143.)

Um exemplo da literatura especializada sobre o treinamento no uso de estratégias em sala de aula (“*strategy training*”) é o trabalho de Oxford et al. (1990). Estes autores relatam seis diferentes experiências com o treinamento de estratégias em diferentes contextos e lugares, tais como no Estado de Israel, Alemanha e Dinamarca. Nos dois primeiros, o inglês faz o papel de segunda língua, e na Dinamarca, a língua-alvo é o meio principal de comunicação. Outras experiências com o treinamento de estratégias em situações de língua estrangeira foram realizadas em três diferentes escolas dos Estados Unidos e em uma da França. Neste trabalho observa-se o uso de “estratégia” ao lado de “técnica”. As palavras *prática*, *memorização* e *treinamento* aparecem em vários momentos no artigo, fato que lembra o período de audiolíngua, ou behaviorismo, no ensino de línguas na década de 50 e 60.

Vou examinar aqui um dos estudos, qual seja, o caso do ensino de alemão como língua estrangeira em nível universitário nos Estados Unidos. Segundo uma pesquisa realizada nas aulas ministradas por Nyikos (Oxford et al., op. cit.), os alunos norte-americanos de alemão “aprenderam” a aprender pela visualização, levando a cabo tarefas sociais e imitando falantes nativos de diferentes maneiras. O artigo é altamente descritivo, mas não há exemplos concretos, fato que torna o estudo bastante vago. A citação que segue evidencia, a meu ver, este estado de coisas:

*As the semester went on, our class decided to compile its strategies into a booklet, which a computer buff then generated with full computer graphics for the benefit of the class. Many of the strategies were admittedly idiosyncratic and thus difficult to understand for anyone who had not heard the individual's explanation: “You had to be there”. (p. 206-7)*

Oxford (1989) argumenta que a pesquisa na área de treinamento de estratégias é procedente, pois o treinamento explícito em sua utilização ensina os aprendizes a: (i) saber usar novas estratégias; (ii) avaliar a eficiência dos diferentes tipos; (iii) decidir quando é procedente transferir uma determinada estratégia para uma nova situação. Todavia, Vann & Abraham (1990) observam que a pesquisa sobre as estratégias de aprendizagem tem proporcionado resultados conflitantes, com sucesso limitado. Mesmo com as diferenças quanto aos resultados, há várias colocações interessantes. Block (1986), por exemplo, sugere que o uso de estratégias é um fenômeno estável

não ligado às características de uma língua específica. Outra descoberta importante é a de que o trabalho de Vann & Abraham (op. cit.) apresenta dados que refutam a afirmação de que os aprendizes malsucedidos no estudo de línguas estrangeiras são inativos; muito ao contrário, estes aprendizes usam estratégias ativamente, mas aplicam-nas inapropriadamente. Outra questão que precisa ser resolvida é se o “bom” aluno é bom por usar estratégias ou se é porque sabe escolher estratégias que, para ele, são eficientes. O aluno malsucedido na aprendizagem de língua estrangeira não sabe lançar mão de “boas” estratégias.<sup>3</sup>

Quero terminar este trabalho com a seguinte colocação: um exame da literatura especializada mostra que “estratégia” é confundida com “técnica”, “método”, “habilidades de estudo” e, também, com “tática”. O termo estratégia somente terá utilidade para a LA se for rigorosamente controlada a sua definição. Além disso, os resultados das pesquisas devem ser baseados em dados quantitativos e qualitativos. Um resultado positivo das pesquisas sobre estratégias é a variedade de perguntas levantadas a respeito. Respostas às seguintes questões vão contribuir para os estudos lingüísticos sobre a aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras e também da própria língua materna:

- a) quais fatores motivam os aprendizes a utilizar estratégias?;
- b) as estratégias são comportamentos aprendidos ou parte do comportamento mental do ser humano?;
- c) as estratégias estão ligadas aos conteúdos aprendidos na sala de aula ou são livres na sua utilização?

SCHMITZ, J. R. The term *strategy*: a useful concept for applied linguistics? *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 211-217, 1994.

- **ABSTRACT:** *The term strategy is used in the applied linguistics literature in certain cases somewhat carelessly. For some researchers the term refers to a technique, for others to a method, and for others still, to study skills or cognitive style. Another problem is also the plethora of strategies proposed without rigour in determining the differences underlying communication strategies, learning strategies, acquisition strategies and teaching strategies. In spite of these problems, learning strategy research is quite promising for the explicit training in the use of strategies teaches potential learners to: (i) know how to use new strategies, (ii) identify the effectiveness of possible strategies, and (iii) decide when to transfer a given strategy to a different situation.*
- **KEYWORDS:** *Strategy; technique; cognitive style; study skills; process; analytic strategy; gestalt strategy.*

---

3. Existem várias dissertações de mestrado sobre o tema de estratégia, como E. V. X. de Moura. *Uso de estratégias e níveis de rendimento e proficiência na sala de aula de língua estrangeira*. Assis, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual Paulista; e C. M. C. Jouet-Pastré. *Análise de produção da fala: estudo de caso de aprendizes brasileiros de francês de nível universitário*. Campinas, 1993. (Dissertação de Lingüística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas.

## Referências bibliográficas

- 1 BAKER, W. J., DERWING, B. R. Response coincidence analysis as evidence for language acquisition strategies. *Applied Psycholinguistics*, Cambridge, v. 3, p. 193-222, 1982.
- 2 BEVER, T. G. The cognitive basis for linguistic structures. In: HAYES, J. R. (Org.) *Cognition and the development of language*. New York: John Wiley and Sons, 1970.
- 3 BIALYSTOCK, E. The compatibility of teaching and learning strategies. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 6, n. 3, p. 255-62, 1985.
- 4 BLOCK, E. The comprehension strategies of second language readers. *TESOL Quarterly*, Washington, v. 20, n. 3, p. 463-94, sept., 1986.
- 5 DUBIN, F., OLHSTAIN, E. *Course design: developing programs and materials for language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- 6 EHRMAN, M., OXFORD, R. Effects of sex differences, career choice and psychological type on adult language learning strategies. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 6, n. 3, p. 255-62, 1988.
- 7 FAERCH, C., KASPER, E. G. *Strategies in interlanguage*. New York: Longman 1983.
- 8 GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- 9 HAVERKATE, H. Strategies in linguistics action. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 7, p. 637-56, 1983.
- 10 KEEFE, J. W. Learning style: an overview. In: KEEFE, J. W. (Org.) *Student learning styles: diagnosing and prescribing progress*. Reston: National Association of Secondary School Principals, 1979.
- 11 MILLER, G. A. et al. *Plans and the structure of behavior*. New York: Longman, 1960.
- 12 OMAGGIO, A. *Teaching language in context: proficiency-orientated instruction*. Boston: Heinle and Heinle Publishers, 1986.
- 13 OXFORD, R. Use of language learning strategies: a synthesis of studies with implications for strategy training. *Sistem*, Elmsford, NY, v. 17, n. 2, p. 235-47, 1989.
- 14 OXFORD, R. et al. Strategy training for language learners: six situational case studies and a training model. *Foreign Language Annals*, Hudson, NY, v. 22, n. 3, p. 197-216, 1990.
- 15 PAIVIO, A. Strategies in language learning. In: PRESSLEY, M., LEVIN, J. R. (Org.) *Cognitive strategy research: educational applications*. New York: Springer-Verlag, 1983.
- 16 PETERS, A. M. Language learning strategies: does the whole equal the sum of the parts? *Language*, Baltimore, v. 53, n. 3, 560-73, 1977.
- 17 REID, J. M., The learning style preferences of ESL students. *TESOL Quarterly*, Washington, v. 21, n. 1, p. 87-111, mar. 1987.
- 18 REISS, M. Helping the unsuccessful learner. *Modern language journal*, Madison, v. 65, p. 121-28, 1981.
- 19 STEVICK, E. W. Research on what?: some terminology. *Modern language Journal*, Madison, v. 74, p. 143-53, 1990.
- 20 VANN, R. J., ABRAHAM, R. G. Strategies of unsuccessful language learners. *TESOL Quarterly*, Washington, v. 24, n. 2, p. 177-98, 1990.
- 21 WEXLER, K., CULICOVER, P. W. *Formal principles of language acquisition*. Cambridge: MIT Press, 1980.